

Palácio dos Azulejos

tem valor

arquitetônico

Historiador Celso de Mello Pupo



O historiador e museólogo Celso Maria de Mello Pupo, quando prestava declarações ao Correio Popular, com respeito a demolição ou preservação do Palácio dos Azulejos, atual sede do Executivo Municipal.

Dando continuidade à série de reportagens que temos publicado, visando levar ao conhecimento do público os depoimentos de pessoas capacitadas a opinar sobre o tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico, ou demolição do Palácio dos Azulejos, procuramos manter na tarde de ontem contato com o historiador e museólogo Celso Maria de Mello Pupo, responsável por vários ensaios sobre a História do Brasil, e particularmente de Campinas, além de manter e organizar o Museu da Cúria Metropolitana, de importância no acervo campineiro, detentor de inúmeras peças de valor inestimável.

PRACA & PRÉDIO

Dando início às suas declarações, o sr. Mello Pupo, que foi por nós localizado no "seu" museu, ou seja, no Museu da Cúria, tomando assen-

to e alento num antiquíssimo sofá estilo colonial holandês, faz uma pausa e começa: — "Devo esclarecer que vou opinar sobre o prédio atual da Prefeitura, com base rigorosamente técnica, sem sofrer qualquer influência de simpatia ou de sentimento hostil; o meu objetivo é somente o interesse da cidade.

Louvo o projeto da Prefeitura de abrir uma praça na quadra composta pelas ruas Ferreira Penteado, José Paulino, Moraes Sales e Regente Feijó. O poder municipal dispõe das facilidades de ser proprietário da maior parte dos prédios a serem demolidos; em Campinas, tôdas as praças que se abram, merecem aplausos, pois, de muitas outras, carecemos para melhoria da cidade e bem estar do município.

Ficará interessantíssimo um

jardim iniciado na Avenida Moraes Sales, na quadra que já descrevi, tendo por fecho o bellissimo Palácio dos Azulejos, e eu gostaria muito de que um competente projetista fizesse uma perspectiva tomada da Moraes Sales, para mostrar como seria interessante a conservação deste prédio histórico.

Prédio construído em 1873, é um exemplar magnífico da arquitetura coetânea, e seria de se lamentar profundamente o desaparecimento deste melhor e mais belo exemplar das nossas construções do século passado; ele representa a riqueza e o progresso da cidade, obtidos com a cultura do café, marcando a fase que Campinas ombreava, e até se sobrepunha sob certos aspectos, com a capital da província.

Não tem mais a cidade qual-

quer outra edificação que recorde, condignamente, a cultura e a riqueza da cidade no século passado; o sobrado do Visconde de Indaiatuba, está completamente desfigurado; o de Custódio Manuel Alves, não tem o esplendor do Palácio dos Azulejos; o do Barão de Ibitinga, onde esteve o Ateneu, foi completamente mutilado externa e internamente, conforme verificação que fiz, recente, constando que nada mais significa como documentário histórico; o do Barão de Itapura, belo edifício, é mais nôvo e tem característicos mais europeus e menos brasileiros; o que foi construído pelo Barão de Ataliba Nogueira, não representa, também, a época, pela sua figura bem mais moderna".

UM DOCUMENTO ARQUITETÔNICO

"Nada há de melhor em Campinas, que o Palácio dos Azulejos, como documento arquitetônico do transcorrer da segunda metade do século passado. Além disto, sempre foi ele o de mais fausto e maior valor, como se prova com as avaliações fiscais de 1879. Neste ano, as duas residências que compõem o Palácio dos Azulejos, foram avaliadas, a da esquina, por sessenta contos de réis, e a

anexa, por quarenta contos, dando ao conjunto que é hoje ocupado pela Prefeitura, um valor global de cem contos de réis.

Em segundo lugar nos valores, estava o de Dona Teresa Miquelina do Amaral Pompeu (do Visconde de Indaiatuba) avaliado em cinquenta e um contos; depois o de Joaquim Teixeira Nogueira de Almeida, hoje demolido, também valendo cinquenta e um contos; em quarto lugar o de Francisco de Campos Andrade, demolido, e que tinha frente para o Largo da Catedral, esquina de Francisco Glicério, onde se acha o Términus, valia quarenta e sete contos; em quinto lugar o do Barão de Atibaia avaliado por quarenta e cinco contos, também demolido; em sexto lugar o do Culto à Ciência, que ainda existe, do valor de quarenta e um contos; em sétimo lugar o do Barão de Ibitinga, depois Ateneu Paulista, hoje completamente mutilado, valendo quarenta contos; depois o sobrado da rua Barão, esquina de Bernardino de Campos, onde está a Orly, por vinte e oito contos.

Nas avaliações de 1891, doze anos depois, estava em 1.º o atual da Universidade Católica e que não existia quando se fez a avaliação anterior, mas que era de um luxo inigualável; mas já em segundo lugar, o Palácio dos Azulejos, também muito luxuoso e que só cedeu lugar para o mais nôvo do Barão de Itapura. Vê-se, pois, que o atual prédio da Prefeitura, foi um dos mais ricos da cidade, como ainda hoje indica ao observador competente; ele é facilmente restaurável e, apesar do pouco cuidado com que tem sido tratado, possui abundantes adornos e obras de acabamento para orientar o técnico que cuida de sua restauração.

Entendo, pois, que deve ser conservado como marco histórico da vida de Campinas, por ter ele, para ser histórico, a ancianidade, a arquitetura sua contemporânea, o significado de sua época, o esplendor da riqueza antiga da cidade, a grandiosidade como construção excelente e o apuramento como arte oitocentista. Deve ser conservado carinhosamente, para qualquer fim, mesmo que não seja para museu".

O MUSEU

Inquirido pela reportagem, sobre a possibilidade de se converter o Palácio dos Azulejos (desde que seja preservado) em um museu, o historiador Celso Maria de Mello Pupo, aduziu as suas declarações anteriores, o seguinte parecer:

"Início baseado em ensinamentos de um dos maiores museólogos do país, Gustavo Barroso, o grande diretor e organizador do Museu Histórico do Rio de Janeiro, no qual figura uma das maiores coleções de nossa história. Para este grande mestre, autor de um dos melhores tratados nacionais de museologia, o fim do museu é "insistir seduzindo"; trata ele da disposição das salas e da circulação, para o que muito se presta o Palácio dos Azulejos com suas duas amplas alas; outra qualidade que oferece o prédio, a altura do seu pé direito, ideal para um museu e que se não encontra

em prédios de mais nova construção; possuindo cômodos com ótima iluminação natural, e ficando isolado em suas quatro faces, aberta a praça, o museu teria mais uma alta qualidade que é a claridade abundante.

Sendo dois prédios residenciais reunidos, a sua vastidão é inigualável para um museu, não encontrada em qualquer outro prédio da cidade, vastidão começada no saguão de entrada que, retirados os guichês, ofereceria área ampla para cômodo de recepção.

Quanto a idade do prédio para ser museu, basta relacionar museus que tem sido instalados em prédios antigos: O Histórico Nacional; o Museu Nacional no antigo Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista; o atual Museu da República no Palácio do Catete que foi construído no século passado para residência particular; o Museu Imperial de Petrópolis, antiga residência dos Soberanos; o Museu da Inconfidência de Ouro Preto, instalado no antigo edifício da Câmara e Cadeia da Vila Rica, construído em 1785; o Museu das Bandeiras, de Goiás, instalado na antiga Casa da Câmara e Cadeia, construção de taipa; o Museu de Arte Sacra da Bahia, organizado pela Universidade Federal que escolheu para sua instalação, o velho prédio de um convento; assim também, o Museu do Estado da Bahia que foi montado no velho Convento do Carmo; o museu que se constitui do velho Forte da Bertioga, restaurado e conservado graças ao trabalho do Instituto Histórico Guarujá-Bertioga.

Em nosso Estado, também sobram os museus instalados em antigos prédios residenciais, como o Museu Republicano "Convenção de Itu"; o Museu Prudente de Moraes em Piracicaba, instalado no mesmo edifício onde residiu este grande brasileiro; o museu de Rio Claro que se vai instalar no Palácio da Baronesa tombado pelo Patrimônio Histórico; o museu de Parnaíba que é museu por estar na casa que foi do Anhanguera; o museu dos Andradas em Santos, para o qual se está restaurando a velha cadeia que fecha a praça dos Andradas, e outros que poderiam ser indicados com maior vagar.

O Clube dos 21 Irmãos Amigos, de Campinas, está mostrando seu valor e seu grande amor por esta terra, esforçando-se em movimento a favor dos museus da cidade e de seus valores culturais; certamente, outras entidades também se interessam por estes valores, às quais, ainda, dirijo a afirmativa de que o prédio da Prefeitura deve ser conservado para qualquer fim, asseguro que ele se presta magnificamente para museu, e que é de facilíssima restauração.

Aliás, não só eu digo que o prédio se presta para museu, pois o Correio Popular publicou, há tempos, uma série de reportagens com a mesma afirmativa, expendida por S. Exa. D. Paulo de Tarso Campos, Theodoro de Souza Campos, Celso Ferraz de Camargo, Jolumá Brito e eu mesmo que também fui interpelado, e possivelmente outros, cujos nomes não me ocorrem no momento".